

LIÇÕES DO MELHOR PROFESSOR QUE CONHECI

Roberto Leal Lobo e Silva Filho

Aos 75 anos, morreu na semana passada, vítima de uma parada cardíaca, Almir Massambani, docente de física desde 1962 na USP de São Carlos. Seu nome é pouco conhecido, a não ser por seus ex-alunos.

Almir foi um professor de verdade. Não era um cientista, fez um doutoramento porque a USP exigiu, mas o que ele gostava mesmo de fazer era de ensinar, conviver e amar seus estudantes. E era amado por eles. Fazia questão que seus alunos aprendessem o que estava ensinando.

Era professor por excelência, pois o que o motivava e preocupava era o sucesso do aluno, não o seu próprio – figura rara nas universidades de hoje, pois o bom docente que não pesquisa tem pouquíssimos mecanismos de valorização e promoção.

Formar bons profissionais e novas lideranças pode exigir produção, aplicação e divulgação de novos conhecimentos, mas para ensinar bem é preciso vocação e preparo específico. Caso contrário, essas instituições não deveriam ser universidades, mas centros de pesquisa.

O que mais vejo nos meus estudos sobre evasão: a pouca atenção que se dá ao aluno ingressante é uma das maiores causas do abandono de cursos, como já provou Vincent Tinto, o maior especialista do mundo no assunto.

O que vemos mais é a nostalgia – por vezes revoltada - que os docentes demonstram com a qualidade dos alunos que recebem quando comparada à de épocas passadas. Isso é um fato na maioria dos lugares, mas temos que lidar com eles como são, buscando formas de fazer com que eles acompanhem o curso.

Como eu sou natural do Rio (e Almir também era), sempre comentávamos que “jacaré” se pega no início da onda. No ensino, não é diferente. Se o aluno não pega a “onda” nos primeiros meses de aula, a onda passa e ele fica - ou seja, não acompanha a disciplina, é reprovado e, muitas vezes, desiste do curso. Uma perda para ele, para a instituição e para a sociedade como um todo, pois o país fica mais pobre!

Almir aplicou esse princípio ao enfrentar uma turma problemática no primeiro ano do nosso Instituto de Física de São Carlos. Sentou-se com a turma e quis entender qual seria o ponto correto de partida - não aquele que está nos livros, mas aquele que a turma poderia acompanhar.

Explicou o que precisariam saber para poder iniciar a disciplina, orientou a cada um para cobrir as lacunas por um mês, e, a partir daí, iniciou o curso propriamente dito. Sucesso absoluto, índice de reprovação baixíssima.

Hoje o querido Almir seria o que se chama “coach”, figura cada vez mais valorizada nos processos de formação intelectual, artística ou esportiva.

Quando elogiado, perguntava: “Não é obrigação do professor fazer o aluno aprender?”. Esse era o Almir. Um grande professor, o melhor que conheci. E um grande amigo.

Artigo publicado na Folha de São Paulo – Tendências / Debates
29 de maio de 2012